



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO VI • Nº 15 • 2004



Vanguarda desde o início

Há mais de duas décadas que o Museu da Inconfidência vem desenvolvendo ações visando sua crescente modernização. Ao ser criado, em 1944, ele constituía modelo de organização museográfica. Era a primeira instituição do gênero fora da área litorânea sendo, em consequência, expressão da política de interiorização da cultura, originária da Semana de Arte de 1922. Acontece que os anos se passaram, o seu envolvimento com o Estado Novo representou mancha da qual não conseguiria se desfazer e a adversidade, que foi obrigado a enfrentar, estendeu-se por período bastante longo. Até a década de oitenta apenas sobreviveu, embora se deva fazer justiça ao trabalho importante - mais de contribuição pessoal - realizado nessa fase tanto por cônego Trindade, notável pesquisador de história, quanto por Orlandino Seitas Fernandes, grande estudioso da museologia.

O que pode ser entendido como virada modernizadora do Inconfidência começou quando se cogitou da ampliação dos seus quadros técnicos e da multiplicação dos serviços a serem oferecidos à comunidade, caminho que iria terminar na sua completa contextualização. Foram implantadas as atividades de restauração e educação, passando-se em seguida a se organizar o setor de museologia, que exigiu a criação de uma improvisada reserva técnica. Incorporado o arquivo de documentos da justiça colonial, até ali administrado pelo escritório técnico do IPHAN, e organizada a biblioteca, ficaram estabelecidas as bases da atividade de pesquisa. A comunicação social tornou-se efetiva com a criação dos setores de publicação, exposição temporária e promoção cultural. Paralelamente, o acervo continuava sendo enriquecido. Foi comprada a famosa coleção Francisco Curt Lange, de manuscritos musicais, que se encontrava fora do país, o que obrigou a constituição de um setor especializado. Arremataram-se em leilão, em Londres, as peças dos Autos de Devassa da Inconfidência referentes aos réus eclesiásticos, além de diversos traslados dos volumes principais. Adquiriu-se, do espólio do historiador Tarquínio Barbosa de Oliveira, um reforço de 13.000 volumes para a biblioteca, que passou a atender em melhores condições os pesquisadores. Tudo isso exigiu a ampliação, seja da base física, seja da infraestrutura de instalações e equipamentos. Hoje, o Museu trabalha com três anexos e chama atenção pelo nível de contemporaneidade em que funciona.

Para que a revitalização geral do Inconfidência se complete, encontra-se a caminho, no momento, a obra de reformulação da exposição permanente, que em suas linhas gerais ainda é a originária, de 1944. O projeto museológico, de responsabilidade da casa, contou com a contribuição de historiadoras contratadas para a pesquisa sobre Ouro Preto, e o projeto museográfico ficou a cargo do especialista francês Pierre Catel, muito conhecido entre nós, por ter realizado algumas obras de vulto no país.

Com recursos próprios, além de contar com a ajuda da antiga Secretaria de Patrimônio, Museus e Artes Plásticas do MinC e da Vitae, realizamos as primeiras obras de infraestrutura. Reconstruímos o Anexo II em condições de nele instalar a diretoria e a secretaria, para permitir que a exposição venha a ocupar a totalidade do prédio, fizemos a substituição do sistema elétrico do edifício sede, instalamos elevador, compramos cadeira de rodas motorizada e adaptamos banheiros para atendimento a visitantes com necessidades especiais. Incentivada pelo PRONAC, e contando com o apoio do Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN, ao qual a nossa instituição é vinculada, a obra daqui para frente será bancada pela Caixa Econômica Federal, a Petrobras, a Acesita e a CBMM. Fora do patrocínio do PRONAC, estamos aguardando a ajuda prometida pelo banqueiro Aloysio Faria, do Banco Alfa.

Capa:

CASA DE CÂMARA E CADEIA



isto é inconfidência

ANO VI • Nº 15 • 2004

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura
Gilberto Gil Moreira Passos

Presidente do Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional
Antônio Augusto Arantes Neto

Departamento de Museus e Centros Culturais
José do Nascimento Júnior

Diretor do Museu da Inconfidência
Rui Mourão

Publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência
Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000
Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil
Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233
museuinc@feop.com.br

Tiragem:
1500 exemplares

Periodicidade:
Trimestral

Projeto Gráfico
Lais Freire dos Reis

Editor
Rui Mourão

museu da inconfidência

60 anos da criação do
Museu da Inconfidência

Ministério da Cultura **BR** **S**
GOVERNO FEDERAL

 **IPHAN**
DEPARTAMENTO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

Surgindo como possibilidade de imprimir rumo ideológico ao processo de reconstrução do Museu, sucateado por anos de desencontro com a política vigente no país, e em perfeita sintonia com recomendações da UNESCO para a área, o Setor Pedagógico tem como principal objetivo a difusão do acervo do Museu e o reconhecimento da necessidade de preservação do patrimônio cultural e natural.

Desde as suas origens adotou a orientação teórico-metodológica da arte-educação, consideradas as diferentes linguagens pelas quais o ser humano se serve para expressar pensamentos, sentimentos e idéias.

As atividades desenvolvidas contemplam projetos para todas as idades, além de atender a grupos de portadores de necessidades especiais, o que transforma o Museu em espaço de inclusão e encontro, propiciando novas formas de apreciação e apropriação dos bens culturais, ao trabalhar com a alteridade e a diversidade das comunidades



DETALHE DA ESCADA EXTERNA DO MUSEU

Difusão do acervo

Área Pedagógica

que o procuram. Nosso trabalho tem papel provocativo, ao interligar o sujeito ao território além do lugar comum, capaz de resultar num processo de construção da identidade até mesmo pela alteridade. São desenvolvidos quatro projetos básicos: Museu Escola, Ludomuseu, Inconfidências e Girassol.

Com trinta anos de experiência, o Museu realiza importante trabalho em Ouro Preto. Os avanços alcançados em educação nunca podem ser mensurados de maneira linear, já que são resultado de processo contínuo, mas há um aspecto objetivo que pode ser aferido. A cada ano, mais de 5.000 pessoas recebem atendimento através dos diversos projetos oferecidos. Existe, além disso, uma efetiva integração com as escolas da cidade, sendo grande o número de professores que recorrem ao Setor Pedagógico para o planejamento de atividades extra-muros com a

aplicação do tema patrimônio e memória. Ações desenvolvidas nessa área são de grande importância, na medida em que as mestras se transformam em agentes multiplicadores.

A cidade de Ouro Preto é rica em manifestações culturais. Alimentar a tradição como forma de construção da identidade cultural, colocando a preservação do patrimônio cultural na ordem do dia, é o desafio maior de um agrupamento humano que vislumbra a possibilidade de sobrevivência pela exploração do turismo histórico-cultural. Desafio aceito pela Área Pedagógica, que a cada dia tenta se redescobrir em novas práticas e projetos, para atender a demandas da comunidade local e do público visitante em geral, atenta ao desenvolvimento do pensamento museológico.

SANDRA FOSQUE EDUCADORA,
COORDENADORA DO SETOR PEDAGÓGICO

A Seção de Difusão do Acervo e Promoção Cultural, que abrange as áreas de promoção cultural, pedagógica, difusão do acervo, exposição permanente, reserva técnica, auditório e Sala Manoel da Costa Athaíde, de exposições temporárias, desenvolve ações diretamente voltadas para o visitante e a comunidade em geral. No auditório, espaço com excelente infraestrutura, são realizadas mostras de filmes e documentários, palestras, encontros, seminários e lançamentos de livros e CDs. O público usuário, num trabalho de agente multiplicador, tem crescido a cada dia, inclusive o considerado especial. Com localização privilegiada, é o local preferido para eventos educativos e culturais da cidade. Na medida do possível, o Museu tem atendido as solicitações para o seu empréstimo.

A galeria, Sala Manoel da Costa Athaíde, realiza mensalmente, há quase dezenove anos, exposições temporárias com acervos temáticos próprios, institucionais e de particulares, oriundos de grandes museus como o Imperial, Nacional de Belas

Artes, do Folclore Edson Carneiro, Histórico Nacional, e de colecionadores como Ângela Gutierrez, John Sommers, José Mindlin. Mas a preocupação maior tem sido com a apresentação de artistas contemporâneos, para estabelecer uma ponte entre o passado e o presente da criação artística no Brasil. Temos contado com obras de criadores exponenciais como Franz Weissmann, Amílcar de Castro, Fayga Ostrower, Augusto Rodrigues, Carlos Scliar, Roberto Burle Marx, Carlos Bracher, Ivan Marquetti. Simultaneamente com as exposições temporárias, são realizadas oficinas, desenvolvendo análises que vão do barroco ao contemporâneo. É atendido um público diferenciado, visando até mesmo a inclusão social, quase sempre com as atividades fazendo parte do cronograma de datas comemorativas, previstas no calendário anual, ou de outras datas relevantes, que projetam a importância de Ouro Preto no cenário da cultura e da história nacional.

MARIA MARGARETH MONTEIRO
HISTORIADORA, CHEFE DA
SEÇÃO DE DIFUSÃO DO ACERVO E
PROMOÇÃO CULTURAL



Em 1936, o presidente Getúlio Vargas, interessado em dar conteúdo ideológico ao Estado Novo, regime político ditatorial em fase de constituição, providenciou para que fossem repatriados da África os restos mortais dos inconfidentes. O emissário enviado para a operação foi o historiador Augusto de Lima Júnior. Não demorou, as urnas chegavam ao Rio de Janeiro, onde estiveram expostas à visitação pública. A transferência delas para Ouro Preto não se faria sem um ritual de grande repercussão. Getúlio Vargas aqui esteve de corpo presente, acompanhado de seus principais ministros e os alunos das escolas locais estenderam longo cortejo, para conduzir em triunfo, até a igreja de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, os brasileiros que retornavam à terra após uma ausência forçada de 144 anos - tributo que tiveram que pagar por tentarem reagir à submissão imposta ao seu país.

Terminadas as obras de restauração do edifício da Casa e Câmara e Cadeia, iniciadas quando a penitenciária que funcionava no edifício foi transferida para o município de Neves, nas imediações de Belo Horizonte, instalou-se num dos salões do pavimento térreo o Panteão dos Inconfidentes, inaugurado em 1942, na passagem do sesquicentenário da morte do poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga, com a presença dos ministros Gustavo Capanema e Francisco Campos, do governador Benedito Valadares e outras autoridades. A partir daí, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ficaria incumbido da organização do Museu da Inconfidência, que deve ser entendido como complemento do Panteão. A abertura se daria a 11 de agosto de 1944, quer dizer, precisamente há 60 anos.

Interiorização Cultural

Atendendo antes de mais nada, como se viu, a propósito pragmático da ditadura Vargas, a iniciativa da celebração da Inconfidência e seus heróis não constituiu fato isolado ou arbitrário, antes se encaixava numa linha coerente de realizações da administração federal. Em 1933, Ouro Preto tivera declarada a sua condição de Monumento Nacional e, em 1938, se efetivara o seu tombamento. Podia-se identificar facilmente uma estratégia que vinha sendo seguida. A sombra que por trás de tudo se projetava era a da inteligência e criatividade de Gustavo Capanema, intelectual ligado a Mário de Andrade e ao Movimento Modernista, nascido em São Paulo.

A necessidade da interiorização cultural era das teses mais caras das lideranças saídas da Semana de Arte de 1922. Empenhados em criar uma estética enraizada nas tradições brasileiras, seus líderes de maior destaque cedo descobriram, o que desejavam fazer já tivera começo nos séculos XVIII e XIX, nas cidades coloniais. Acreditando que Aleijadinho e os demais criadores

do nosso passado haviam sido os precursores da arte que de fato podia ser definida como brasileira, perceberam a inconveniência de se continuar voltado apenas para o litoral, onde preponderava a influência estrangeira. As raízes verdadeiras da expressão nacional encontravam-se esquecidas nos centros remotos do interior. Para lá deveria se deslocar a atenção dos que desejavam trabalhar um projeto conseqüente para o país. A caravana modernista formada por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Blaise Cendrars, que visitou Ouro Preto, Mariana, São João del Rei, foi o primeiro sopro dos novos ventos que passariam a agitar o pacato ambiente provinciano de Minas Gerais. Antes dela, tinha havido a viagem precursora de Mário de Andrade, que viera visitar o poeta Alphonsus de Guimaraens, solitário morador de Mariana. O quase

Vanguarda e



CHAFARIZ DA FA...

adolescente autor de *Há uma gota de sangue em cada poema*, ainda preso aos cânones parnasianos, experimentou grande choque ao se deparar com Ouro Preto e a genialidade de Antônio Francisco Lisboa.

Exemplo

Entre os vários reconhecimentos que mereceu Rodrigo Mello Franco de Andrade enquanto presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, está o de haver se interessado pela criação de museus. A certa altura do trabalho à frente do órgão, esse mineiro que se notabilizaria pela capacidade de antecipar o futuro, chegara à conclusão, seria indispensável se pensar no projeto de instituições voltadas para

a preservação, estudo e divulgação do acervo móvel que ia saindo dos monumentos restaurados nas cidades históricas ou sendo abandonado pelas famílias desejosas de modernidade, responsáveis por um irresistível movimento de troca do recheio das residências. Como a repartição lutava com deficiência de recursos e a orientação consagrada era para dar preferência àquilo que estava mais visível e chamava atenção nos conjuntos urbanos - os monumentos edificadas -, foi posta em prática a política de recolher em imóveis que passavam à sua propriedade, peças de mobiliário, imaginária, pinturas, documentos e outros objetos, com a intenção já definida de transformá-los em unidades abertas à visitação pública, quando condições favoráveis aparecessem.

Não sei se esse novo cuidado manifestado por Rodrigo Mello Franco de Andrade teria resultado de atenção aos princípios estabelecidos por Mário de

siva. Creio também que não foi por outro motivo que em Minas Gerais surgiu o primeiro Grupo de Museus e Casas Históricas do IPHAN, com o Museu da Inconfidência sendo a cabeça do sistema.

Museografia

Na década de 40, um famoso decorador suíço, Georges Simoni, estava encarregado da decoração de importantes instituições culturais no Rio de Janeiro. A ele foi atribuída a responsabilidade pela montagem do Museu da Inconfidência, a partir do projeto de conteúdo elaborado pelo historiador Luiz Camilo de Oliveira. Sua especialização profissional era perfeitamente condizente com a concepção museográfica da época, que era de base decorativa, isto é, a mostra devia brilhar pela disposição estética dentro do espaço físico, mas tinha como razão precípua a simples apresentação de um acervo, fosse ele ilustrativo de determinado tema, representativo de uma época, ou da memória de determinado caso. A tarefa do profissional confundia-se com a da arrumação de ambientes. Cabia a ele tirar partido, da melhor forma possível, dos volumes, das cores, das possibilidades de reconstituição dos contextos naturais das peças, para a obtenção de um efeito de máxima eficiência estética, porém de só eficiência estética.

Êxito

O Museu da Inconfidência desde o início chamaria a atenção do país, atraindo visitantes profissionalmente engajados ou simplesmente de nível educacional mais avançado, que se deslocavam para Ouro Preto, desejosos de tomar conhecimento da novidade aparecida no campo da museologia. O fato de ter sido organizado sob a proteção do governo federal e estar vinculado à ideologia política dominante no momento, assegurou-lhe sem dúvida publicidade. Mas os grupos de viajantes intelectualmente mais motivados - nacionais e estrangeiros -, que desde o primeiro momento passaram a procurá-lo, vinham interessados era pelo seu lado cultural, que se apresentava em dupla vertente. O da valorização das raízes culturais brasileiras, com a mostra sobre a Inconfidência Mineira, e o da revelação de uma nova museologia, dada à conta de vanguarda para a época.

Pode-se dizer que o Museu da Inconfidência desde as suas origens foi o que continua sendo na atualidade, uma grande atração para as inteligências e as vocações turísticas, que sem cessar encaminha para ele levas e levas de visitantes provenientes das mais diversas latitudes. Nos quatro primeiros anos do seu funcionamento - de agosto a dezembro de 1944 - quando Ouro Preto não passava de um lugar remoto do interior de Minas Gerais, sem estradas e sem condições mínimas de atendimento hoteleiro, ele recebeu 4.813 visitantes. No ano seguinte, a cifra já era de 12.281.

RUI MOURÃO

desde o início



CHADA DO MUSEU

Andrade no seu projeto para a constituição do Instituto do Patrimônio, onde houve clara referência a museus, ou fora inspiração nascida com a obrigação de criar o Museu da Inconfidência. Possivelmente houve influência dos dois fatores, mas não se pode negar, foi após a experiência realizada em Ouro Preto que a nova orientação se impôs. Logo apareceria o Museu do Ouro em Sabará, em seguida o Museu do Diamante em Diamantina, o Museu Regional de São João del Rei e diversas casas abarrotadas de acervo, entregues aos cuidados de serventes de obra, muitas vezes por cortesia de construtoras envolvidas com restauração na localidade. Esse modelo a seguir se estenderia por outros estados da federação, mas aqui é que ele começou a ser implantado e aqui é que se apresentou de forma expres-

A pesquisa histórica, num museu de História, é elemento determinante do perfil institucional que se pretende adotar, indicativo dos vetores essenciais das atividades de informação, educação e difusão cultural. No Inconfidência, durante longo período as tarefas dessa área foram pontuais e esporádicas, pouco investigativas e com tendência a uma abordagem mais próxima da transcrição documental, o que não diminui a relevância das contribuições. Afinal, os grandes Museus Nacionais nasceram com características celebrativas, elegendo coleções memoráveis, assentadas numa política tradicional de erudição, com ênfase em estudos que privilegiavam os aspectos estéticos, artísticos e arquitetônicos do patrimônio cultural.

O Inconfidência tem o privilégio de ser fruto de gestões que persistem com o firme propósito de consolidá-lo como centro de investigação e difusão de conhecimento. O trabalho sistemático de pesquisa, com programa específico, tem sido uma das suas metas prioritárias. Duas linhas básicas são desenvolvidas. A direcionada ao processamento técnico do acervo museológico - inventário, catalogação e indexação - e a pesquisa histórica, que se qualifica como propriamente investigativa, seja pela originalidade ou pela formulação de novos problemas, com resignificação das muitas possibilidades de leitura dos objetos, documentos que testemunham a cultura material e constituem o campo do conhecimento museal.

A pesquisa vinculada ao processamento, de caráter instrumental, refere-se à decodificação imediata do documento a partir de critérios objetivos, com registro limitado ao que está inscrito no próprio objeto, sem interpretações históricas, o que a condicionaria a revisões permanentes.

Em estreita articulação com o Arquivo Histórico, a pesquisa histórica atua na produção e divulgação de conhecimen-

O Banco de Dados objetiva garantir a integridade e a divulgação da Coleção Inconfidência em meio digital, com ênfase em um dos objetivos principais do Museu, o estudo da Inconfidência Mineira. Em fase de consolidação, já indexou, entre manuscritos e impressos, 206 documentos do Arquivo Histórico, a maioria do século XVIII. Aí se incluem partes dos traslados de época de peças processuais dos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira, o sétimo e último volume original com a sentença proferida contra Joaquim José da Silva Xavier, avulsos autógrafos, edições *princeps* e jornais. As referências bibliográficas, entre livros, artigos, publicações avulsas, verbetes em dicionário e enciclopédia, ultrapassam 600 registros. Do acervo de objetos, em exposição permanente e em reserva técnica, constam 56 itens com suportes variados: madeira, metal, tecido, couro e pedra.

A *Oficina do Inconfidência* é uma publicação técnico-científica para difundir estudos e pesquisas que venham contribuir para a investigação e conhecimento do acervo museológico do Inconfidência e do patrimônio cultural brasileiro. Ela tem divulgado dissertações de mestrado e teses, muitas fundamentadas na documentação do Arquivo. A publicação pretende ser um espaço de polarização, dispondo-se a veicular produção cultural nos campos da história, museologia, patrimônio, restauração, musicologia, arte, antropologia e sociologia de Minas Gerais, dando prioridade aos assuntos mais estreitamente relacionados com as atribuições do Museu.

São também desenvolvidas pesquisas para exposições tem-



N.S. DAS DORES; PEDRA SABÃO TALHADA E POLICROMADA

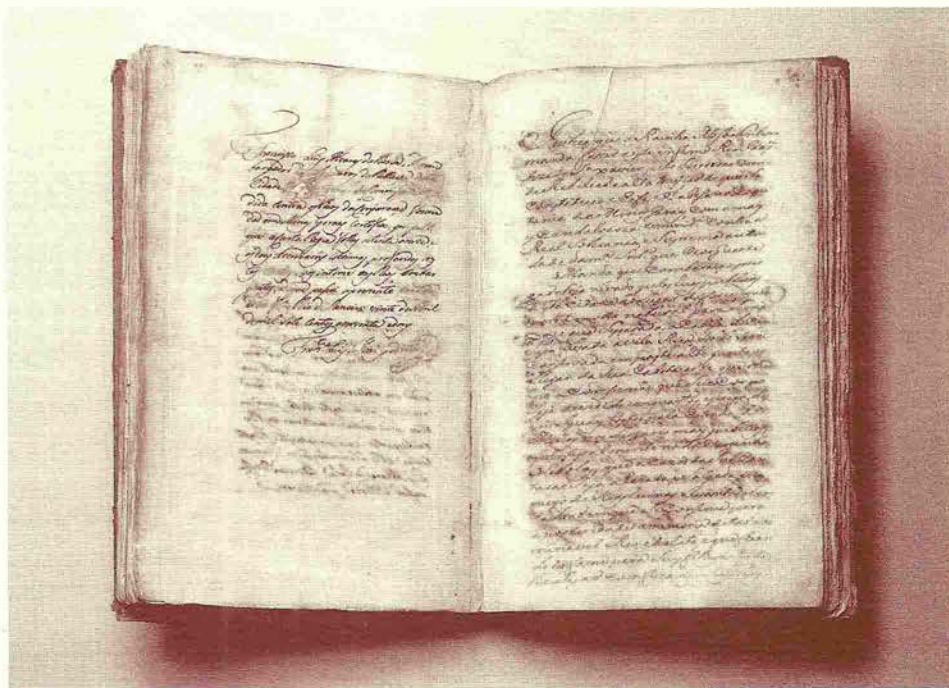
Pesquisa histórica

tos relacionados com o acervo documental. O Núcleo de Referência e Pesquisa em Administração e Justiça nas Minas Setecentistas desenvolve os projetos Banco de Dados Inconfidência Mineira, publica a revista de trabalho *Oficina do Inconfidência* e, em breve, fará a edição crítica, com fac-símile, de documentos das coleções especiais, além do Repertório das Devassas tiradas entre 1724-1839.

porárias, estudos para atendimento a demandas institucionais e do público em geral, além de contribuir para a implantação do Projeto de Reformulação da Exposição Permanente do Museu.

CARMEM SILVIA LEMOS HISTORIADORA, RESPONSÁVEL PELO SETOR DE PESQUISA HISTÓRICA

Documentação Museológica



AUTOS DE DEVISSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA, 7º VOLUME

O Museu da Inconfidência possui um dos mais modernos sistemas de gestão informatizada da documentação de acervos museológicos em uso no país.

O SCAM para Windows - Sistema de Controle do Acervo Museológico do Museu da Inconfidência - foi criado para atender as necessidades da casa. Vem sendo desenvolvido desde janeiro de 1996 e é resultado de parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto, através de estágios profissionalizantes. Neste momento, a sua implementação está em fase de finalização.

O novo inventário, iniciado em 1991, já inseriu no sistema 4.081 objetos. O processamento técnico envolve tarefas que vão desde o registro e catalogação - a descrição pormenorizada de cada objeto, a pesquisa o arranjo documental - até o levantamento de dados constantes de estudos anteriores. Responsável pelo desenvolvimento do programa, o Setor de Documentação Museológica preserva fontes primárias geradas a partir dos anos 40, consideradas arquivos de referência. Uma das vertentes da pesquisa visa resgatar todo o conhecimento gerado acerca do acervo, nos 60 anos de atividade do Museu.

O tratamento da informação disponível e sua inserção no sistema permitem eficiência na recuperação de dados através de diferentes instrumentos de controle, podendo atender a todo tipo de demanda. Daí a importância da adoção de conceitos e linguagens que abrangem a nomenclatura do objeto e a terminologia de indexação dos diferentes conteúdos temáticos, num sistema complexo que garante precisão, rapidez e cruzamento de dados, com grande riqueza de detalhes, identificando semelhanças e diferenças na variedade do

conjunto museológico. Para a designação e a classificação do acervo, adotou-se o *Thesaurus para Acervos Museológicos*¹.

O Setor de Documentação trabalha em parceria com as áreas que atuam diretamente junto aos objetos, como é o caso do Laboratório de Conservação e Restauração, disponibilizando dados para suporte das intervenções a que o objeto deva ser submetido. Em contrapartida, os outros setores colaboram com informações que enriquecem a história do objeto, como a notícia da sua participação em exposições e eventos, o detalhamento de restaurações por que passou, ou às vezes, até desvendando ou corrigindo dados sobre a identificação ou função.

O Museu da Inconfidência preserva e disponibiliza um rico e variado acervo ao usuário que o procura, seja o estudante de primeiras letras, seja o estudioso que anseia por encontrar elementos que dêem embasamento a suas teses acadêmicas. São numerosos nas coleções os objetos de culto, que delineiam a presença marcante do Catolicismo nas terras mineiras. Também as alfaias, que recheavam as moradias, pondo em destaque o mobiliário, de caráter sólido e nobre, embora despojado. Inspirada nos modelos importados principalmente da Europa, a arte regional se caracteriza como um produto personalizado e singular das Minas Gerais.

CELINA SANTOS BARBOZA
MUSEÓLOGA, RESPONSÁVEL PELO SETOR DE MUSEOLOGIA

1. FERREZ, Helena Dodd e BIANCHINI, Maria Helena S. Rio de Janeiro: Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

Laboratório de Conservação e Restauração

"A restauração deve dirigir-se ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, sempre que isso seja possível, sem cometer uma falsificação artística ou uma falsificação histórica, e sem apagar as marcas do transcurso da obra através dos tempos."

Césare Brandi,
Teoria da la restauración

A restauração de uma obra de arte vai muito além do restabelecimento da situação primitiva, da recuperação de um objeto. Nessa prática, precisamos respeitar e analisar a obra não só pela sua beleza plástica, mas também pela técnica e material nela utilizados e pelas marcas produzidas pelo tempo, conjunto de significados que chamamos de valores estéticos e históricos. O trabalho do restaurador se desenvolve, assim, cumprindo as etapas de analisar, compreender e aplicar:

8 A atividade do Laboratório de Conservação e Restauração do Museu da Inconfidência se norteia pelos conceitos da mínima intervenção e da reversibilidade dos materiais utilizados, perseguindo a não omissão e a não falsificação dos verdadeiros valores de uma obra diante do seu tempo e da sua função enquanto fragmento da história. Priorizamos atividades extremamente importantes no processo da conservação preventiva, como as vistorias periódicas para detectar danos causados por fatores físicos e biológicos (desprendimentos de policromia, movimentação de suporte, ataques de insetos) e em seguida procedendo a limpeza, realizando pequenos reparos e promovendo melhores condições de acondicionamento. Estabelece-se um diálogo estreito entre o técnico e o acervo. E é a prática da conservação que dignifica o trabalho do Laboratório, tornado um dos pilares da instituição na busca de sua função máxima, a de proteger um importante patrimônio histórico e artístico.

Paralelamente a esse trabalho preventivo, o setor desenvolve atividades de restauração em objetos que, pela ação do tempo e outros fatores degradantes, tenham chegado a dela precisar. Nestes momentos, crescem os nossos cuidados. É feita a documentação técnica por meio de relatórios com informações textuais e fotográficas e, na consolidação do trabalho, com o registro das intervenções realizadas no objeto, traçando o caminho percorrido, para facilitar futuras intervenções, considerada a

temporalidade dos técnicos que estão ligados ao acervo.

Com tais medidas, a equipe procura desempenhar o seu papel de respeito e cuidado para com o acervo, buscando a troca de conhecimentos e experiências entre si, com outros profissionais da área e, adotado o importante preceito da interdisciplinaridade, com os demais técnicos da instituição.

